

Análise morfossintática da categoria gênero na Libras

Morphosyntactic Analysis of the Gender Category in Libras

Análisis morfosintáctico de la categoría género en la lengua de señas

Lucinéa da Silva Santana

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Brasil)
nea.santana@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0003-3038-4271>

Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB//Brasil)
adriana.lessa@uesb.edu.br
<https://orcid.org/0000-0003-1524-8386>

RESUMO

Os processos morfológicos como a categoria gramatical gênero, nas línguas orais, já estão bem delineados por serem categorias de línguas já estudadas desde os primórdios. Na língua de sinais brasileira – LIBRAS, apesar da existência de contribuições preliminares significativas, a escassez de análises aprofundadas torna imperativa a realização de uma investigação sistemática sobre o assunto. Objetivamos investigar como essa categoria se manifesta na Libras, se por processos morfológicos ou não. Foram feitos testes específicos, filmados e transcritos através do Sistema de Escrita da Libras (SEL) e glosas do português. A coleta de dados envolveu 9 sujeitos-informantes, todos fluentes em Libras, sendo 6 surdos e 3 ouvintes. A análise realizada apresentou que não existe nos sinais nominais, nenhuma marca morfológica ligada a uma raiz semântica, que possa ser identificada como marca flexional indicadora dos gêneros masculino ou feminino. Há alguns casos de heteronímia e por composição dos sinais lexicais HOMEM/MULHER e MACHO/FÊMEA.



PALAVRAS-CHAVE: Morfossintaxe; Categoria gênero; Língua de sinais; Libras.

ABSTRACT

Morphological processes, such as the grammatical category of gender in spoken languages, are already well defined, as they have been studied since the early stages of linguistic inquiry. In the Brazilian Sign Language (Libras), however, despite some significant preliminary contributions, the scarcity of in-depth analyses makes it imperative to conduct a systematic investigation on the subject. This study aims to examine how this category is expressed in Libras, whether through morphological processes or not. Specific tests were conducted, recorded, and transcribed using the Brazilian Sign Language Writing System (SEL) and Portuguese glosses. The data collection involved nine informants, all fluent in Libras – six Deaf and three hearing participants. The analysis revealed that nominal signs show no morphological marking associated with a semantic root that could be identified as an inflectional marker indicating masculine or feminine gender. There are, however, some cases of heteronymy and composition involving the lexical signs MAN/WOMAN and MALE/FEMALE.

KEYWORDS: *Morphosyntax; Gender category; Sign language; Libras.*

RESUMEN

Los procesos morfológicos, como la categoría gramatical de género en lenguas orales, están bien delimitados por ser categorías de lenguas estudiadas desde épocas tempranas. En la Lengua de Señas Brasileña – LIBRAS – a pesar de la existencia de estudios preliminares significativos, la falta de análisis más profundos hace necesaria la realización de una investigación sistemática sobre el tema. El objetivo fue investigar cómo se manifiesta esta categoría en LIBRAS y si ocurre por procesos morfológicos o no. Se realizaron pruebas específicas, filmadas y transcritas mediante el Sistema de Escritura de Libras (SEL) y glosas del portugués. La recopilación de datos involucró a 9 sujetos informantes, todos fluidos en LIBRAS, siendo 6 sordos y 3 oyentes. El análisis realizado mostró que no existe en los signos nominales ninguna marca morfológica ligada a una raíz semántica que pueda identificarse como marca flexional indicadora de los géneros masculino o femenino. Hay algunos casos de heteronimia y de composición de los signos léxicos HOMBRE/MUJER y MACHO/HEMBRA.

PALABRAS-CLAVE: *Morfosintaxis; Categoría género; Lenguaje de señas; Libras*

1 Introdução

Este estudo faz parte de um trabalho de maior amplitude, tese de doutoramento, que se dedicou a investigação de categorias morfossintáticas

da Libras. Neste trabalho, o recorte refere-se apenas à categoria gênero, estudo este, que investiga como uma língua gestovisual (em específico a Libras) manifesta tal propriedade gramatical. Entendendo que as línguas naturais podem se utilizar de diferentes tipos de recursos gramaticais para manifestação de propriedades como esta, procuramos investigar qual a forma de manifestação dessa propriedade na Libras, se assumem um tipo de manifestação morfológica ou sintática ou ambas ou nenhuma dessas.

As línguas de sinais adquiriram *status* de língua natural somente a partir de 1960, com os estudos do pesquisador William Stokoe. São línguas de modalidade gestovisual, produzida pelas mãos, corpo e rosto (expressões faciais) e percebida pela visão, diferente das línguas orais que têm produção e percepção, respectivamente através da fala e da audição. Estas têm, pela tradição histórica, uma infinidade de estudos, resultando na definição dos seus elementos gramaticais: fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos.

Com relação às línguas de sinais, não podemos igualar o quantitativo de estudos existentes à luz da ciência linguística aos estudos das línguas orais. É comum observarmos fenômenos gramaticais da Libras serem descritos, em materiais didáticos e até mesmo em cursos de Libras, à semelhança do que é feito em gramáticas tradicionais, para a descrição desses fenômenos no português, sendo tais descrições sobre a Libras apresentadas como informação segura, sem, todavia, haver pesquisas para comprovação de tais descrições. Algumas *categorias morfológicas* como *número*, *grau*, *gênero*, *aspecto*, *tempo* têm sido tratadas dessa forma. Daí a relevância de nos aprofundarmos sobre o assunto, em específico a *categoria gênero* e tentarmos elucidar esses fenômenos, ainda não descritos de forma ampla.

Desta forma, percebemos que a co-ocorrência dos sinais HOMEM/MULHER como nome tem sido tratada muitas vezes, como *flexão de gênero*. Nosso estudo aponta outro resultado, não se trata de uma marca morfológica, mas de indicação de gênero por heteronímia ou processos lexicais. Os falantes da Libras geralmente usam os sinais HOMEM/MULHER e raramente MACHO/FEÊMEA associados a um outro item lexical na tentativa de indicar o gênero. Observamos tal premissa em: sinal PAI = HOMEM + BENÇÂO, sinal mãe = MULHER + BENÇÂO; sinal ESPOSO = HOMEM + CASAR, sinal ESPOSA = MULHER + CASAR.

À face do exposto, o presente estudo propõe como objetivos: 1) investigar a natureza gramatical da propriedade *gênero* dentro do sistema gramatical da Libras, através da verificação de dados experimentais produzidos

por dois grupos – sujeitos-informantes surdos e sujeitos-informantes ouvintes, ambos fluentes em Libras; 2) verificar se há ocorrência do traço formal de concordância no sistema de manifestação da propriedade gênero; 3) verificar se um morfema de gênero se manifesta em Libras.

2 Referencial teórico

A morfologia estuda os processos de formação de palavras, sendo os morfemas diretamente responsáveis pelos processos de flexão, derivação e composição. Segundo Cagliari (2002), a flexão não é um processo de formação de palavras, justamente por ter regularidade e obrigatoriedade, a flexão se aplica a todos os componentes de uma classe, com os mesmos significados, apenas com pequenas exceções previsíveis. Já a derivação não é regular e nem obrigatória. Assim, a flexão pertence a uma classe fechada. Já a derivação pertence a uma classe aberta.

Os processos morfológicos de flexão e derivação, em línguas orais, como o português, são amplamente investigados, descritos e explicitados. Sabemos que as línguas podem apresentar processos gramaticais com propriedades diferentes entre si, tratar de um mesmo conteúdo de formas diferentes. No português identificamos variedades de marcas morfológicas para marcar categorias como gênero, número e grau. A tradição gramatical portuguesa estabelece que o gênero apresenta uma forma masculina em -o fazendo oposição a uma forma feminina -a, como ocorre em *gato* e *gata*.

Câmara Jr. (1999) propõe uma descrição dos processos de representação de gênero que contesta o modelo tradicional. Para este autor o masculino tem a marca \emptyset , ou seja, é não-marcado opondo-se a um feminino marcado em -a. Sendo assim, a vogal da forma masculina seria uma vogal temática. Dessa forma, considera-se as flexões de gênero como manifestadas por uma oposição privativa. Os argumentos de Câmara Jr. (1999) para sua proposta de marca \emptyset para o masculino baseia-se na ideia de que -o sendo marca de masculino como em *gato* e *gata* nos obrigaria a aceitar outras vogais como marca de masculino como o -e, em *mestre/mestra*. Entretanto, olhando para outros exemplos, *ponte* (feminino) e *monte* (masculino) essa exposição não se aplicaria.

Sobre o assunto, Villalva (2003) esclarece que não ocorre um paradigma flexional para gênero no português, trata-se de uma categoria morfossintática, com apenas valores opostos de masculino e feminino que obedecem às características do paradigma flexional. Para a autora, a flexão

possui regularidade e sistematicidade na formação dos processos e no português muitos nomes não apresentam regularidade dos contrastes de índices temáticos. No feminino, Villalva (2003) considera a marca de feminino -a como vogal temática, ou seja, são classes temáticas.

A autora acrescenta que há nomes e adjetivos que não admitem contraste de gênero, cita respectivamente: *casa, pessoa, livro, indivíduo, pente, leve, ruim, simples*. Salienta ainda que, quando os contrastes se manifestam, não há homogeneidade, distanciando assim do conceito de flexão.

Aponta Villalva (2003) que em aluno/aluna, professor/professora ocorre contraste de índice temático; em homem/mulher e carneiro/ovelha ocorre contraste de diferentes palavras. Em judeu/judia, barão/baronesa, europeu/europeia ocorre contraste por via da derivação; já em águia-macho/águia-fêmea ocorre contraste por via da composição. Essas são propriedades que, segundo a autora, diferenciam o gênero das demais categorias morfosintáticas do português e é por isso que, na sua análise, considera o gênero como uma categoria não flexional, sendo a falta de regularidade dos contrastes de índices temáticos frequentes no português. “Os tradicionalmente chamados ‘morfemas de gênero’ dos adjetivos e nomes do português não têm qualquer relação com o gênero (nem com a flexão), mas sim com a classe temática a que cada palavra pertence” (Villalva, 2003 p. 931).

Apresentamos até aqui, breves discussões de autores renomados sobre processos morfológicos da categoria gênero no português. Entretanto, nosso objetivo não é investigar as línguas orais, apenas trazer essas discussões como forma de fazer um paralelo entre línguas orais e gestuais já que se trata de línguas naturais. Então, questionamos: a categoria gênero masculino/feminino na Libras é de natureza morfológica? existe uma raiz semântica como marca flexional? Em caso negativo, ocorre por quais processos?

Buscamos respaldo teórico da gramática gerativa como referencial teórico para discussão de nossa temática. Sendo assim, dentro dos estudos gerativistas, o gênero é considerado propriedade gramatical corresponde às indicações *masculino* e *feminino*. É nessa perspectiva que conduzimos nossa discussão, considerando que há uma oposição entre as marcas de *masculino* e *feminino* e que nem sempre, para determinadas línguas, os nomes que trazem essas marcas representam seres sexuados, sendo essa oposição entre gênero de natureza formal, portanto, não necessariamente relacionada ao sexo biológico. A exemplo, no português os seres inanimados (mesa, ponte, pente), que não possuem sexo podem também ser identificados como uma palavra

masculina ou feminina, basta usarmos um determinante marcado com um desses dois traços.

À luz da teoria gerativa, compreendemos que, ainda que partam de princípios universais, as línguas naturais apresentam diferenças paramétricas no que diz respeito à manifestação de determinadas propriedades. O gênero como propriedade formal varia de língua para língua. No português, *mar* e *leite* são palavras masculinas, no francês *mor* e *leche* são palavras femininas.

Para Quadros (1997, p. 47), as línguas de sinais são sistemas linguísticos independentes dos sistemas das línguas orais. Como toda língua natural, é lógico que haja essa independência ou diferença, mas, para além disso, muitas das peculiaridades das línguas de sinais têm a ver com a modalidade gestovisual, que concentra tais diferenças na forma fonética de manifestação dessas línguas, a qual cria uma condição diversa para a manifestação fonética das propriedades gramaticais.

A gramática de uma língua dentro do quadro gerativista, se constitui de elementos que estão organizados dentro do cérebro humano de maneira sistemática e coerente, posto em uso sempre que produzimos ou somos receptores de um enunciado. E, em certa medida, essa organização favorece a aquisição do léxico pela criança. Seja uma língua de modalidade oral ou sinalizada.

Na perspectiva lexicalista, ao longo de sua vida, o indivíduo vai depositando em seu sistema cognitivo, palavras, em virtude da faculdade da linguagem. Essas palavras, que nas línguas sinalizadas, atribuímos o nome de *sinais* já trazem seus traços formais e semânticos. No lexicalismo existe um armazenamento de itens lexicais prontos, são traços abstratos que irão se concatenar para formar palavras/sinais e sentenças. Dessa forma, através das operações sintáticas *merge* e *move* as palavras/sinais vão se formando, para em um momento posterior formar as sentenças.

3 Metodologia

O presente estudo se caracteriza quanto à natureza como uma pesquisa experimental com caráter transversal. Para obtenção dos dados, realizamos testes experimentais, por meio de atividades organizadas com questões específicas para nove participantes¹ fluentes na Libras, sendo 3 ouvintes e 6 surdos. A opção em incluir informantes ouvintes foi devido ao

¹ A pesquisa foi encaminhada ao Comitê de Ética da UESB, tendo aprovação para sua realização.

fato de alguns surdos recusarem participar da coleta de dados por conta do período da pandemia da Covid. Inicialmente, foi feito um teste piloto com um dos informantes como forma de verificar o nível de compreensão e observar como os indivíduos surdos e ouvintes percebem as imagens, compreendem os enunciados das questões, produzem sinais e constroem sentenças e desta forma, validar a aplicação do teste.

O *corpus* da pesquisa se constituiu das produções em Libras dos sujeitos-informantes. O trabalho com esse *corpus* implicou realização dos testes, seleção de dados e transcrição em escrita Sel (Sistema de Escrita para Língua de Sinais), acompanhada de glosas². Para apresentação dos dados em Libras optamos por utilizar a escrita Sel, produzido por Lessa-de-Oliveira (2012), na sua versão atualizada apresentada em Lessa-de-Oliveira (2023). A transcrição em escrita SEL tem a finalidade não apenas de fazer um registro da articulação dos dados em Libras, mas principalmente de auxiliar a submissão dos dados ao que diz respeito à sua observação fonológica com base no Modelo Fonológico MLMov. Esse sistema é de natureza trácico-fonêmica, representa na escrita do sinal, os traços do 1º nível, mas também a composição do macrosssegmentos.

Os sujeitos-informantes receberam um caderno contendo os testes, impressos em papel ofício A4, impressão colorida em impressora marca Epson, modelo L365. Após apreciação do caderno pelos sujeitos-informantes e orientação da pesquisadora, todas as respostas foram gravadas através de celular, marca Samsung, modelo Galaxy J6+, câmara 13 mega pixel, visto que as respostas seriam dadas em Libras.

Realizada esta etapa, os testes foram aplicados e posteriormente transcritos em glosas, utilizando-se o aplicativo Elan 6.2³ para pesquisa com vídeo, etapa esta demorada e feita com o devido cuidado para não comprometer a pesquisa.

A transcrição dos dados em escrita Sel ocorreu também a partir do aplicativo Elan, que possibilitou um manuseio bastante conveniente e eficaz dos vídeos, mas em arquivo a parte, uma vez que o Elan não está adaptado para utilização dessa escrita. Para a escrita dos sinais em Sel utilizamos o E-SEL, um aplicativo para digitação em escrita Sel, desenvolvido por Bruno

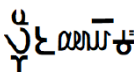

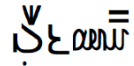

² As glosas, nesse caso, são indicações, por meio de itens lexicais do português, do significado dos sinais escritos em SEL.

³ O ELAN é um programa para anotação de arquivos de áudio e vídeo, desenvolvido pelo Instituto Max Planck de Psicolinguística em Nijmegen, Holanda. Ele está disponível em um programa para anotação de arquivos de áudio e vídeo, desenvolvido pelo Instituto Max Planck de Psicolinguística em Nijmegen, Holanda. Disponível em <http://www.lat-mpi.eu/tools/elan/>

Nielle, em trabalho de pesquisa de mestrado realizado na Universidade do Minho, em Braga (Portugal).

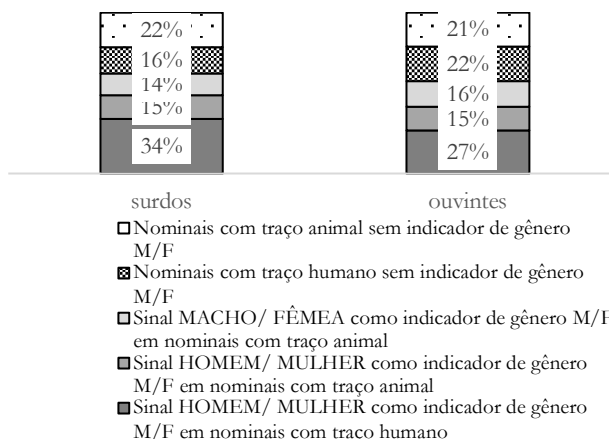
4 Resultados e discussões

Os nossos dados sobre gênero mostram resultados significativos. Vamos começar nossa descrição pelas características gerais. A primeira observação a fazermos é que não há nos dados dos informantes marcas de flexão para gênero. Isto quer dizer que não encontramos, nos sinais nominais, nenhuma marca morfológica ligada a uma raiz semântica, que possa ser identificada como marca flexional indicadora dos gêneros masculino ou feminino. As indicações de gênero encontradas são de natureza lexical, e não morfológica, pois ocorrem como um sinal à parte, inserido antes ou depois dos nomes. Pelo fato de não se tratar de um sistema de flexão, vamos tratar como ‘indicações de gênero’ e não como ‘marcas de gênero’. Essas indicações são os seguintes sinais:

- (1) a.  HOMEM ou  MULHER⁴
- b.  MACHO ou  FÊMEA

Procuramos observar em nossos dados três possibilidades de ocorrências da indicação de gênero em Libras em nominais com traço animado, além da possibilidade de não ocorrência de indicação de gênero, totalizando cinco possibilidades, conforme se observa no gráfico 1 a seguir:

⁴ Dados transcritos (homem/mulher, macho/fêmea) pelo Sistema de Escrita para Língua de sinais - SEL

Gráfico 1. Ocorrências de nominais com traço animado com ou sem indicador de gênero sexual⁵

Fonte: Elaborado pelas próprias autoras

Diante do gráfico exposto, detectamos, de modo geral, que tanto informantes surdos quanto ouvintes fizeram indicação de gênero em Libras, mas os indicadores de gênero não foram usados para 100% dos casos. Os surdos deixaram de fazer essa indicação para 16% dos nominais com traço humano e 22% dos nominais com traço animal; e os ouvintes, semelhantemente, deixaram de fazer essa indicação para 22% dos nominais com traço humano e para 21% dos nominais com traço animal. Ou seja, cerca de 40% dos nominais animados realizados pelo conjunto dos informantes não receberam qualquer indicação de gênero, o que evidencia que a marcação de gênero, ainda que para seres animados, não é obrigatória em Libras.

Fazendo uma comparação entre os nominais com traço humano e com traço animal, verificamos que os surdos realizaram indicação de gênero

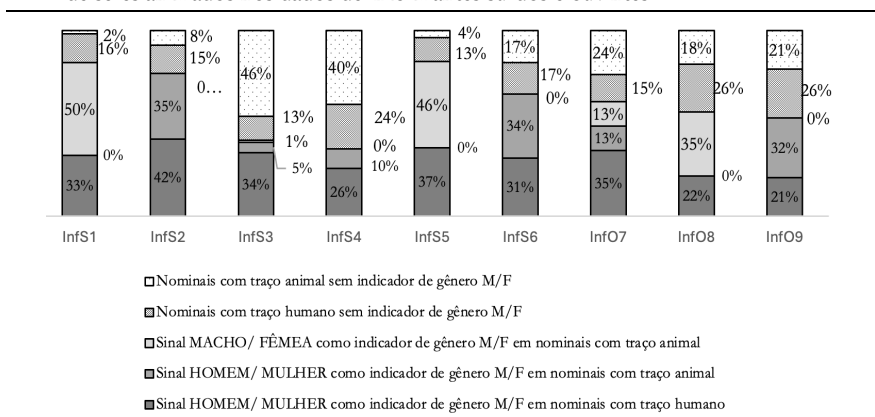
⁵ Planilha do gráfico 1

Informantes	surdos		ouvintes	
	Quantidade	Porcentagem	Quantidade	Porcentagem
Nominais com traço animal sem indicador de gênero M/F	86	22%	37	21%
Nominais com traço humano sem indicador de gênero M/F	64	16%	38	22%
Sinal MACHO/ FÊMEA como indicador de gênero M/F em nominais com traço animal	55	14%	28	16%
Sinal HOMEM/ MULHER como indicador de gênero M/F em nominais com traço animal	58	15%	26	15%
Sinal HOMEM/ MULHER como indicador de gênero M/F em nominais com traço humano	135	34%	47	27%
	398		176	

um pouco mais de nominais com traço humano (34%) do que de nominais com traço animal 29% (= 15+14). Já com os ouvintes isso ocorreu de forma inversa, 28% com traço humano e 31% (=16+15) com traço animal. Além, dessa pequena variação entre os grupos surdos e ouvintes, a proximidade entre os percentuais de nominais com traço humano ou animal que receberam indicação de gênero indica que a presença do traço humano ou animal não é fator determinante para indicação de gênero em nominais entre os informantes.

Outro fator observado nos dados que indica a não obrigatoriedade de marcação de gênero é a variação das ocorrências de indicação de gênero por informante como se pode observar no gráfico das ocorrências de casos por informantes a seguir.

Gráfico 2. Ocorrências de nominais com ou sem indicação do gênero sexual de seres animados nos dados de informantes surdos e ouvintes



Fonte: Elaborado pelas próprias autoras

Considerando a possibilidade de indicação de gênero M/F de nominais humanos por meio dos sinais HOMEM/MULHER, em números absolutos, o Inf-3 foi o que teve maior ocorrência dos casos, com 32 marcações, e o Inf-9 com menor quantitativo de ocorrências, apenas 11. Comparando com a ocorrência de nominais sem indicação de gênero M/F, identificamos que os surdos InfS3 (46% com traço animal e 13% com traço humano) e InfS4 (40% com traço animal e 24% com traço humano) foram os que mais deixaram nominais sem indicador de gênero. Também estão entre os surdos os dois informantes que mais realizaram indicação de gênero InfS1 (50% com traço animal e 33% com traço humano) e InfS5 (46% com traço animal e 37% com traço humano).

É importante pensar que os surdos, poderiam apresentar um percentual de ocorrências menor com relação aos ouvintes se considerarmos o contexto de aquisição⁶ de sua L1 – a Libras. Com exceção do informante 5, os demais surdos têm histórico de surdez na infância e aquisição de Libras também nesse período de vida. Ao que parece, a Libras é uma língua de poucos processos morfológicos e isso poderia, talvez, favorecer esse contexto de menos ocorrências entre os surdos.

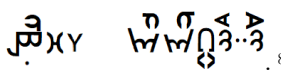
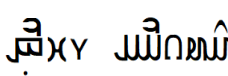
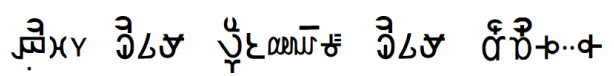
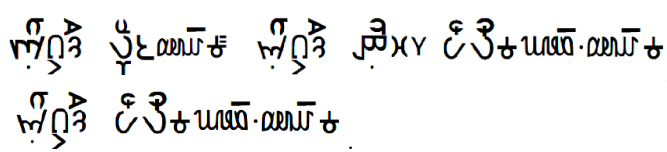
Tal variação nas ocorrências de indicação de gênero para nominais animados entre os informantes surdos e ouvintes nos leva a constatar que os sinais HOMEM/MULHER ou MACHO/FÊMEA de fato funcionam como “indicadores” de gênero M/F para nominais com traço humano ou animal, sendo amplamente realizados tanto por surdos como por ouvintes. Entretanto, nessa função têm um uso completamente opcional, livre de obrigatoriedade de ocorrência seja na presença do traço humano ou do traço animal. Assim, defendemos que se trata apenas um *indicador de gênero* e não de *uma marcação morfológica de gênero*, uma vez que não é obrigatório, sendo utilizado, muito provavelmente, quando a indicação do sexo dos nominais animados se faz semanticamente necessária.

Com relação aos nominais com traço animal, para os quais a Libras apresenta duas possibilidades de indicação de gênero M/F, verifiquemos o gráfico a seguir.

gênero dessa forma apenas para a metade dos nominais animais para os quais realizou indicação de gênero.

Verificamos que o maior número de ocorrências MACHO/FÊMEA indicando gênero de nominais animais foi encontrada entre os surdos – InfS-1 apresentou 97% de ocorrências, seguido de InfS-5, que apresentou percentual de 93% de ocorrências com o sinal MACHO/ FÊMEA como indicador de gênero M/F em nominais com traço animal.

Os InfS-2, InfS-4, InfS-6 e InfO-9 não tiveram nenhuma ocorrência de indicação de gênero com sinal MACHO/FEMEA para nominais com traço animal. Para indicação de gênero nesse contexto, utilizam o sinal HOMEM/MULHER como nos exemplos a seguir:

- (2) a.  ⁸
MULHER BOI = vaca (Inf-2)⁹
- b. 
MULHER GALINHA = galinha (Inf-2)
- c. 
MULHER ELEFANTE HOMEM ELEFANTE JUNTO (Inf-2)
'A elefanta e o elefante juntos'
- d. 
BOI HOMEM BOI MULHER LEITE BOI LEITE (Inf-4)
'O boi e a vaca, a vaca'

No geral, podemos dizer que chegamos a resultados sobre gênero que mostram que todos os informantes utilizaram alguma das três possibilidades acima discutidas como indicador de gênero sexual, havendo principalmente a possibilidade desse tipo de indicação com os *sinais* HOMEM/MULHER em

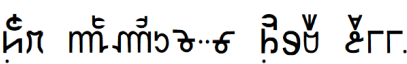
⁸ Transcrição em SEL

⁹ Glosa do português

nominais com traço humano, que foi utilizado por todos. Entretanto, a não obrigatoriedade e a grande variabilidade na ocorrência desses indicadores de gênero para sinais com traço animado, para além da completa ausência de marcação de gênero M/F em nomes inanimados, demonstram não haver um sistema de marcação de gênero M/F em Libras, havendo apenas um processo de *indicação livre* do gênero sexual dos indivíduos animados, utilizando-se, antes ou depois do nome, os sinais HOMEM/MULHER para pessoas e também para animais, podendo esses últimos ter opcionalmente seu gênero sexual indicados pelos sinais MACHO/FÊMEA.

Vale ressaltar que nos testes apresentados aos 9 informantes, houve uma produção livre sobre a história de vida, composição familiar, formação profissional. Nessas produções livres detectamos um quantitativo menor de marcação da categoria gênero. O InfS-1 não marcou gênero nessas produções livres, apesar de quatro possibilidades; o InfS2 apresentou dez possibilidades de indicação de gênero, mas três ocorrências apenas na forma dos sinais MULHER CASADA = esposa, MULHER FILHA = filha, MULHER PRIMA = prima; o InfS3 apresentou onze possibilidades, mas realizou apenas três na forma dos sinais NETA MULHER = neta, MULHER SOLTEIRA = solteira, FILHO HOMEM = filho; o InfS-4 não fez produção livre; o InfS6 realizou MULHER IRMÃ; os InfS5, InfO7, InfO8 e o InfO9 não apresentaram nenhuma ocorrência.

Conforme o exposto, nestes exemplos identificamos o sinal MULHER para nominais femininos com traço humano e raríssimas vezes o sinal HOMEM para nominais masculinos com o traço humano, fato que evidência serem os sinais HOMEM/MULHER lexemas que têm uso opcional e não obrigatoriedade, tendência ligeiramente maior para indicação do gênero feminino. Vejamos o exemplo a seguir:

- (3) 
 EU NASC|er| SURD|o/a| SIM (InfS-2)
 ‘Eu nasci surdo’

No exemplo supracitado, o InfS-2 relata “EU NASC|er| SURD|o/a|”. Neste caso entendemos que não houve a necessidade de expressar “EU NASC|er| HOMEM SURD|o/a|” ou dizer EU SOU SURD|o/a| HOMEM ou, se fosse do sexo feminino, EU SOU SURD|o/a| MULHER, visto que está implícito que o informante é do sexo masculino. Em EU NASC|er| SURD|o/a|, o lexema SURD|o/a| é um adjetivo na posição

de predicativo do sujeito, um dado bastante interessante o que nos leva a observar que para adjetivo também não haveria marcação de gênero. O que nos parece bastante lógico uma vez que estamos constatando a não existência de um sistema de marcação de gênero para a categoria dos nomes, que é uma categoria mais central na construção sintática. No exemplo mencionado, o informante estava falando de si mesmo para um interlocutor presente (a pesquisadora), não havendo, portanto, a menor necessidade de identificação do gênero sexual deles para seu interlocutor. Ou seja, quando o referente está presente, dispensa-se a indicação de gênero. Esses dados indicam que a motivação da indicação do gênero é de natureza semântico-pragmática e não de natureza gramatical. Portanto, a depender do contexto ou da necessidade, o gênero pode ser indicado ou não na Libras.

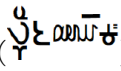
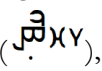


Também nos chamou a atenção a utilização de recursos alternativos como referência ao gênero feminino de animais em contraste com o masculino que não leva nenhuma indicação, como por exemplo o uso do sinal LEITE em composição com o sinal BOI (LEITE BOI ou BOI LEITE) para fazer o sinal VACA. Fato que revela mais fortemente a irregularidade na indicação de gênero em Libras e a evidência de que as indicações de gênero só estarem servindo para informar o sexo dos seres animados, quando semântica ou pragmaticamente necessário.

(4) MULHER LEITE BOI (Inf-4) 'Vaca'

O que parece estar ocorrendo nesse exemplo em (4) é uma composição de sinal utilizando-se o sinal genérico do animal combinado com uma referência a alguma característica exclusiva do indivíduo feminino como indicação do sexo feminino do ser animado, como é o caso do sinal LEITE, utilizado certamente devido ao fato de a vaca ser o animal que produz o leite.

5 Considerações finais

Identificamos que o gênero masculino/feminino, enquanto propriedade formal/gramatical não ocorre em Libras em sinais nominais ou adjetivais. O que ocorre nessa língua é apenas uma indicação livre do sexo dos seres animados e essa indicação é de natureza lexical e não morfológica. *Não encontramos nenhuma marca flexional ou derivacional (morfemas)*, em nossos dados,

que determinasse ocorrência formal desta categoria, as indicações são opcionais, diretamente relacionadas ao sexo do ser e ocorrem com um sinal à parte. Por isso optamos em denominar ‘indicações’ e não ‘marcas’ de gênero, que são as seguintes: HOMEM () ou MULHER (), MACHO () ou FÊMEA () colocados antes ou depois do nome, surgindo ocorrências do tipo: HOMEM GALINHA/ GALINHA HOMEM; MULHER GALINHA/ GALINHA MULHER, MACHO ELEFANTE/ FEMEA LOBO. Identificamos raros casos de heteronímia com os sinais PAI/MÃE, GENRO/NORA. Em resumo os processos de indicação de gênero sexual dos seres animados em Libras são:

- a. Sinal HOMEM/ MULHER como indicador de gênero sexual M/F em nominais com traço humano;
- b. Sinal MACHO/ FÊMEA como indicador de gênero sexual M/F em nominais com traço animal;
- c. Sinal HOMEM/ MULHER como indicador de gênero sexual M/F em nominais com traço animal;
- d. Nominais com traço humano sem indicador de gênero sexual M/F;
- e. Nominais com traço animal sem indicador de gênero sexual M/F.

De alguma forma todos os participantes surdos ou ouvintes fizeram uso das possibilidades supracitadas. Identificamos que os sinais HOMEM e MULHER foram usados para identificar o gênero sexual, tanto de seres com traço humano (61%) quanto com traço animal (29%). Já os sinais MACHO e FÊMEA foram usados para identificar apenas o gênero sexual de seres com traço animal, totalizando (30%) das ocorrências. Sendo assim, o uso dos sinais HOMEM/MULHER e MACHO/FÊMEA para animais se equiparam (29% e 30% respectivamente). E encontramos a utilização idiossincrática do sinal LEITE, por parte de alguns informantes, como estratégia para indicar o sexo feminino do animal fêmea do boi – a vaca.

Apesar desses índices percentuais, encontramos 43% de ocorrências de sinais com *traço animal sem indicador de gênero sexual* e 38% de sinais com *traço humano sem indicador de gênero sexual, entre informantes surdos e ouvintes*, ou seja, houve informantes que deixaram de indicar o gênero tanto animal quanto humano, sendo que o maior quantitativo de gênero não identificado foi para

traço animal (43%). Os dados revelam que todos os informantes deixaram de marcar gênero animal havendo variação de percentuais entre eles.

Em dados não controláveis aplicados, como narrativas de vida pessoal, familiar e profissional, a indicação de gênero se mostrou absolutamente desnecessária, sem ocorrências. O que percebemos é que, quando o referente está no contexto da enunciação, a identificação de gênero não se faz necessária.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, L. C. **Análise fonológica**: introdução à teoria e prática, com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

CAMARA JR, J. M. **Estrutura da língua Portuguesa**. 29ª ed. Vozes, Petrópolis, 1999.

ELAN. The language archive. [s.d.] ELAN ferramenta profissional para a criação de anotações complexas em recursos de vídeo e áudio. Disponível em: https://tla.mpi.nl/tools/tla_tools/elan/ Acesso em: 15 de set. de 2021.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Componentes articulatórios da Libras e a escrita SEL. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 2, p. 103-122, 2019.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. **Libras escrita**: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. *ReVEL*, Porto Alegre, v. 10, n. 19, p. 150-184, 2012.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. **Por uma modalidade escrita da Libras**: estrutura frasal e sinalização, a estrutura fonológica do sinal e a escrita Sel. *Coleção Linguística em Rede*, v. 9. 1ªed.- Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SANTANA, L. S. **Propriedades morfossintáticas da libras**: gênero, número e grau. Orientadora: Adriana Stella Cardoso Lesa de Oliveira. 2024, 170 fl. Tese (Doutorado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, BA, 2024.

STOKOE, William. **Sign Language Structure**: an outline of the visual communication System of the American Deaf. Studies In Linguistics, Buffalo 14, New York, v. 1, n. 8, p.3-78, abr. 1960.

VILLALVA, A. Estrutura morfológica básica. In: MATHEUS, M. H, M. et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa, Caminho, p. 916 – 983, 2003.

Recebido em outubro de 2025.

Aprovado em dezembro de 2025.

Publicado em dezembro de 2025.

SOBRE AS AUTORAS

Lucinéa da Silva Santana é doutora e mestra em linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). É docente convidada da PARFOR Equidade – Educação Bilíngue de Surdos da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e docente da rede estadual de educação da Bahia no Centro Estadual de Educação Profissional em Gestão e Tecnologia da Informação Régis Pacheco atuando como professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE). É especialista em educação especial e inclusão. Área de atuação Linguística com os seguintes temas: aquisição da linguagem, PB para surdos e morfologia da Libras.

Adriana Stella Cardoso Lessa de Oliveira é doutora e mestra em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. É professora titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Desenvolve pesquisa na área de Linguística, com ênfase em Sintaxe Gerativa e Aquisição da Linguagem, atua nos seguintes temas: sintaxe da Libras; sintaxe de sentenças relativas em Português Brasileiro (PB); sintaxe e aquisição de interrogativas em PB; aquisição de sentenças relativas em PB e aquisição da escrita de Libras e de PB por surdos. É autora do Sistema de Escrita de Libras (SEL).